

CON(S)CIÊNCIA LINGUÍSTICA: A ETIMOLOGIA E A IRONIA DO SIGNIFICADO DAS PALAVRAS

Naidea Nunes e Agostinho Vieira

Universidade da Madeira

naidea@uma.pt

Resumo: Este artigo aborda a questão da consciência linguística através da etimologia de algumas palavras, cujo significado primordial em comparação com o seu valor semântico atual apresenta ironia verbal. O estudo do conhecimento das palavras e das relações semânticas existentes entre elas pretende aportar mais consciência linguística aos usuários da língua portuguesa, como é o caso do significado subjacente ao elemento de formação e/ou prefixo de negação in-. Ainda no que se refere à morfologia, abordamos também a questão do valor semântico dos elementos de formação e/ou sufixos -ência e -mento, na construção de nomes deverbais. Procuramos, assim, contribuir para uma maior consciência linguística (e humana), através do conhecimento das palavras, a sua formação e significado, mostrando a ironia presente na língua portuguesa, a nível lexical e semântico.

Palavras chave: *Lexicologia, etimologia, semântica, morfologia, consciência linguística.*

Abstract: This article addresses the issue of linguistic awareness on the etymology of some words, whose original meaning, in comparison with their current value, presents verbal irony. This study on the awareness and on the semantic relationships between words aims at developing better linguistic awareness in users of the Portuguese language, as exemplified in the underlying meaning of the formation element and/or negative prefix in-. In what regards morphology, the issue of the semantic value of formation elements and/or suffixes -ência and -mento, in the building of deverbal names. This study therefore seeks to contribute to a greater linguistic (and human) awareness, through the awareness of words, word formation and word meaning, by revealing the irony in the Portuguese language at lexical and semantic levels.

Keywords: *Lexicology, etymology, semantics, morphology, linguistic awareness.*

[...] as palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar.

[...] Na sua primeira forma, quando foi dada aos homens por Deus, a linguagem era um sinal das coisas absolutamente certo e transparente, pois que se lhes assemelhava. Os nomes eram colocados sobre o que eles designavam, assim como a força está escrita no corpo do leão, a realeza no olhar da águia, a influência dos planetas marcada na fronte dos homens: pela forma da similitude. Esta transparência foi destruída em Babel para castigo dos homens. [...] Mas se a linguagem já não se assemelha imediatamente às coisas que denomina, nem por isso ela se apartou do mundo; continua, sob outra forma, a ser o lugar das revelações e a fazer parte do espaço em que a verdade simultaneamente se manifesta e se enuncia.

Foucault, *As palavras e as coisas*, 2002, pp. 90-92.

132

O verdadeiro significado das palavras parece ter-se perdido, estando, no entanto, subjacente nas palavras, sendo necessário resgatá-lo através do conhecimento etimológico. Assim, quando desconhecemos o significado de palavras eruditas de origem greco-latina, procuramos a sua origem etimológica para conhecê-las. Muitas vezes, é necessário analisar os elementos de formação das palavras para chegar aos seus étimos latinos ou gregos e conhecer os seus significados, por exemplo em *metalinguagem* (com o prefixo culto do gr. *meta-* ‘atividade que se centra sobre si mesma’), linguagem usada para descrever a própria linguagem ou linguagem sobre a linguagem; assim como *paráfrase* (do lat. *paraphrasis* ‘interpretação, tradução livre’, com o elemento de formação ou prefixo culto do grego *para-* ‘junto, perto de, ao lado de, por’), com a noção de proximidade ou semelhança, ou seja, dizer por outras palavras.

Mesmo para palavras de uso corrente, com a busca etimológica, podemos encontrar uma dimensão significativa desconhecida, como por exemplo em *educar* (do lat. *educare* ‘formar, instruir’, de *educere* ‘tirar, extrair para fora’, verbo formado pelo prefixo *e(x)-* ‘movimento para fora’ e *ducere* ‘guiar, conduzir, trazer, levar, liderar’), literalmente ‘trazer ou conduzir para fora’ (Corominas e Houaiss). O *Dicionário Houaiss* indica ainda, na entrada lexical respeitante ao elemento de composição *educ-*, que a especialização de sentido separou-o de *duco*, ou seja, do verbo *ducere*. Logo, afastou-o do seu significado etimológico, presente em *eductio, onis* “ação de fazer sair, saída, prolongamento” (*Dicionário de Latim Português*).

Este conceito de *e-ducare* enquadra-se perfeitamente na visão socrática do verdadeiro conhecimento, ou seja, que a ciência ou verdade de todas as coisas que existem está dentro de nós. Este conceito originou o método socrático da *maieutica* (do gr. *maieutike* 'ciência ou arte do parto'), por extensão método ou arte de interrogar ou questionar, para provocar o surgimento das ideias ou conhecimento, daí a máxima socrática «conhece-te a ti mesmo», levando o interlocutor a tomar consciência daquilo que sabe mas ignora saber. Trata-se do conceito de inatismo, concepção segundo a qual temos em nós um conhecimento inato. Assim, o papel da filosofia consiste em fazer-nos recordar esse conhecimento, o que ficou conhecido como a doutrina platónica da reminiscência ou lembrança. Este método socrático está bem retratado em Platão, nomeadamente no *Diálogo de Menon*, consistindo na interrogação ou questionamento, para demonstrar que não há aprendizagem, mas apenas lembrança. Noutros *Diálogos* de Platão, o filósofo, questionando, apresenta-se como ignorante para fazer o seu interlocutor entrar em contradição, tornando evidente o carácter erróneo das suas concepções ou preconceitos. Desta forma, a chamada ironia socrática encontra-se no centro da maieutica, para conseguir um saber mais autêntico e sábio, conduzindo o interlocutor à verdade, o que poderá explicar a formação da palavra *e-ducare* na Antiguidade Clássica.

133

Serve este exemplo para nos apercebermos da nossa inconsciência linguística do verdadeiro significado da(s) palavra(s). Portanto, *educar* dev(er)ia ser trazer o conhecimento de dentro para fora e não ao contrário, como acontece hoje, impor o conhecimento de fora para dentro. No entanto, ironicamente, a palavra *e-ducare* parece ter sido interpretada como 'conduzir para fora', ou seja, preparar o indivíduo para o mundo, através da instrução, levando-o para fora de si mesmo, mostrando-lhe o que existe fora dele. É através desta consciência linguística do significado primordial das palavras, que nos é dada pela etimologia, que chegamos à essência que se esconde por detrás delas. A ironia lexical e semântica surge assim da relação entre a etimologia e a evolução das palavras no seu uso e significado atual, tal como dicionarizado hoje.

Deste modo, partimos do princípio de que a ironia verbal é reconhecida quando temos conhecimento das palavras, ou seja, consciência linguística da sua forma e do seu significado. Assim, não se trata tanto da ironia verbal e dos seus processos, mas, neste caso específico, da consciência etimológica, ou seja, da origem, formação e verdadeiro significado das palavras, bem como das relações semânticas existentes entre elas.

1. Consciência linguística

Partindo da *Teoria Cognitiva da Consciência* de Baars (1988), em que existem processos inconscientes e conscientes, chegamos à consciência como conhecimento que as pessoas têm dos seus objetos mentais. É neste sentido que a psicolinguística faz uso do conceito de consciência. Pois, só podemos (ou devíamos) declarar ou falar (d)aquilo de que temos (ou tivéssemos) consciência. Quanto mais automatizados são os processos de uso das palavras, menos consciência te(re)mos delas. Ao ganharmos consciência da língua, o uso da língua também se torna mais consciente, ou seja, desenvolvemos a capacidade de usar conscientemente certas características habitualmente inconscientes da língua. Pois, só podemos ter conhecimento da língua tendo consciência dela. É sem dúvida a consciência linguística que nos permite fazer declarações mais explícitas sobre a própria linguagem. Assim, segundo o autor, a consciência linguística não é um estado uniforme e estático, mas um processo que evolui a partir da sensibilidade baseada no conhecimento linguístico de cada sujeito, até se manifestar através de avaliações e/ou descrições metalinguísticas.

134 Deste modo, o processo de conscientização linguística apresenta três níveis: num dos extremos encontramos aquilo que está totalmente fora da consciência, o inconsciente; no outro extremo está aquilo que é plenamente consciente, aquilo que permite que o objeto em foco seja alvo de reflexão e possa ser descrito de forma plenamente consciente; no meio está o nível que os psicolinguistas denominam de “sensibilidade linguística”, o simples dar-se conta de que algo existe, sem que isso leve a considerações mais reflexivas que expliquem o como e o porquê, neste caso o conhecimento das palavras.

Segundo Duarte (2008), a consciência linguística caracteriza-se pela habilidade que o indivíduo tem de reconhecer e expressar verbalmente conteúdos linguísticos, ou seja, a consciência linguística é a capacidade do sujeito avaliar usos linguísticos próprios ou alheios, pressupondo-se que através dela o sujeito possa, gradualmente, monitorar inadequações formais presentes em situações comunicativas, refazendo, completando ou suprimindo elementos linguísticos dos enunciados. Neste sentido, a consciência é a condição necessária para a compreensão do funcionamento da língua. Logo, o desenvolvimento da consciência linguística faz evoluir o conhecimento intuitivo da língua para um estágio de conhecimento explícito.

Contrariamente ao conhecimento implícito, o conhecimento explícito designa o conhecimento reflexivo e sistemático do sistema intuitivo que os falantes conhecem e usam. Este estágio de conhecimento caracteriza-se pela capacidade de identificar

e nomear as unidades da língua, de caracterizar as suas propriedades e os processos que atuam sobre as estruturas linguísticas mais adequadas à expressão de determinados significados em situações concretas de uso oral e escrito da língua. Assim, segundo Duarte (2008), a consciência linguística é o estágio intermédio entre o conhecimento intuitivo da língua e o conhecimento explícito, caracterizado por alguma capacidade de distanciamento, reflexão e sistematização. Deste modo, ao desenvolvermos a consciência linguística do conhecimento intuitivo ou implícito evoluímos para o estágio de conhecimento explícito.

2. Conhecimento das palavras

Neste estudo sobre o conhecimento das palavras, interessa-nos abordar a questão do conhecimento implícito das unidades lexicais e da sua consciência linguística para chegarmos ao conhecimento explícito dos seus significados e estruturas internas. Segundo Duarte (2000), o conhecimento lexical desempenha um papel importante na compreensão e determinação da forma e do significado das unidades lexicais. A autora refere que conhecer uma palavra é conhecer um significado indissociável de uma forma fónica, remetendo para a teoria do signo linguístico de Saussure. Quanto ao conhecimento semântico, escreve que o significado de uma palavra resulta do significado dos morfemas que a constituem e pode ser considerado como um conjunto de traços semânticos. Conclui que o conhecimento das palavras é simultaneamente lexical, semântico e de relações associativas, ou seja, “Sendo as palavras combinações de significados e formas fónicas, é possível estabelecer relações entre elas com base apenas no significado, na combinação significado-forma fónica e apenas na forma fónica.” (2000: 96-97).

135

3. Morfologia construcional

A questão da relação entre forma ou estrutura interna e significado das palavras conduz-nos à morfologia construcional, em que a construção morfológica das palavras determina a construção do significado das mesmas, porque o significado é conferido às palavras pela sua forma ou estrutura. Assim, no que se refere à construção de palavras, parte-se do princípio de que as palavras se encontram relacionadas umas com as outras, através de processos ou regras de formação de palavras, nomeadamente nos casos de formação de nomes por derivação deverbal, em que se parte de uma base que pode ser um radical simples (constituído por um único morfema) ou um radical complexo (constituído por mais do que um morfema). Deste modo, as palavras derivadas são palavras complexas, constituídas por um constituinte central, a base, ao qual se associam outros constituintes, os afixos. Surge assim a questão da

reconstrução das relações internas dos constituintes ou estrutura interna de uma palavra complexa que a relaciona com outras formas ou palavras.

Como explica Margarita Correia (2004), no quadro da morfologia construcional, concebida por Danielle Corbin (que desenvolveu o modelo de morfologia derivacional para um modelo de morfologia construcional), consideram-se três fatores intervenientes na construção do significado de uma unidade derivada:

o significado conferido pela regra de formação de palavras, o significado herdado da base e o significado específico do operador morfológico envolvido. A consideração destes factores permitiu uma melhor compreensão do modo como se constroem/estratificam os diferentes significados previsíveis que uma mesma unidade derivada pode apresentar. (2004: 28-29).

Segundo a autora, este modelo permite também dar conta da significação de palavras não-construídas, aproximando-se cada vez mais de uma teoria geral do léxico. Desta forma, Margarita Correia estabelece como primeira hipótese de trabalho a existência de “uma relação entre a forma e o significado das unidades construídas, dado que no momento da construção de uma qualquer unidade lexical se produzem simultaneamente a sua forma e o seu significado.” (2004: 25), ou seja, o modelo de morfologia construcional, em vez de dar primazia à análise morfológica sobre a análise semântica, propõe uma análise que associa forma e significado. Este modelo fundamentalmente associativo mostra, assim, que não é possível dissociar semântica lexical e morfologia, se queremos fazer uma descrição autêntica do léxico.

No nosso estudo, não nos limitamos à aplicação deste conceito, dado que este quadro teórico é apenas sincrónico e interessa-nos sobretudo resgatar a informação etimológica, logo diacrónica, no conhecimento das palavras. Luísa Azuaga afirma que convém “estabelecer uma distinção entre informação etimológica, cuja relevância é, essencialmente, histórica, e informação sincrónica, que faz parte do nosso conhecimento linguístico.” (1996: 225). No entanto, parece-nos que a informação etimológica é fundamental para conhecermos verdadeiramente a estrutura interna ou formação das palavras e conseqüentemente o seu significado pleno. Assim, neste artigo, apresentamos sobretudo um questionamento sobre a estrutura morfológica primordial das palavras e os seus significados, inclusive sobre elementos de formação ou construção como o prefixo *in-* e os sufixos *-ência* e *-mento*, bem como os traços semânticos originais presentes nestes afixos, como exemplos de (in)consciência linguística.

4. Etimologia e semântica lexical

Como já referimos, pretendemos aplicar o conceito de consciência linguística ao conhecimento das palavras, partindo da etimologia para conhecer o verdadeiro significado das unidades lexicais e a ironia verbal presente nelas, face à sua significação corrente e atual. Portanto, o conhecimento etimológico contribui para o desenvolvimento da consciência lexical e semântica, incluindo as relações semânticas e morfológicas entre as palavras. Deste modo, para além da morfologia construcional, este artigo enquadra-se na área de estudos da etimologia e semântica lexical, ou seja, o estudo da origem e da história das palavras e seus significados, incluindo a questão da formação das palavras, através da análise dos elementos que as constituem.

Como a própria palavra *etimologia* (do latim *etymologia* ‘origem de uma palavra’, do grego *étumon* ‘sentido verdadeiro’) indica, ela revela-nos o verdadeiro significado das palavras, através do estudo da origem e da evolução das mesmas, ou seja, mostra-nos o valor semântico primordial das palavras, que foi desaparecendo ou sendo a(du)lterado ao longo do tempo, com o surgimento de diversas aceções das mesmas. Para resgatar o significado original das palavras, recorreremos às informações etimológicas do *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico* de Corominas (que, apesar de ser dedicado ao castelhano, inclui informação importante para todas as línguas ibéricas), do *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* de Geraldo da Cunha e do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (por ser o dicionário mais completo a nível diacrónico e sincrónico). Sempre que necessário e pertinente, consultámos também o *Dicionário de Latim Português* da Porto Editora, sobretudo para confirmar a forma e o significado dos elementos de formação das palavras. Neste estudo, revelou-se também muito importante o confronto da palavra estudada com outras palavras relacionadas, mesmo quando aparentemente parece não existir nenhuma relação entre elas, como é o caso de *íntimo* e *timo* e de *adulto* e *a(du)lteração*.

137

Desta forma, como já dissemos, este estudo pretende, acima de tudo, ser um questionamento sobre o nível de significado mais profundo das palavras, não se limitando aos étimos latinos que nos são dados pelos dicionários etimológicos e dicionários de latim, mas indo à própria formação ou construção das palavras em latim, para chegar aos seus verdadeiros significados.

5. Unidades lexicais e ironia verbal

A palavra *ironia* (do lat. *ironia*, a partir do gr. *eironeía* ‘interrogação fingindo ignorância, dissimulação’) denomina uma “figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender; uso de palavra ou frase de sentido diverso

ou oposto ao que deveria ser empregue para definir ou denominar algo." (*Dicionário Houaiss*). Este conceito também se aplica quando as palavras usadas apresentam outro significado, para além do mais simples ou evidente. Em sentido figurado, ironia é "o contraste ou incongruência entre o resultado real de uma sequência de acontecimentos e o que seria o resultado normal ou esperado". Neste caso, como se trata de ironia verbal, interessa-nos observar a oposição ou divergência existente entre o significado primordial ou etimológico da palavra e o seu valor semântico corrente e atual. Assim, a ironia joga com contrastes, baseando-se no sentido de contrário ou noção de oposição, sendo ainda o destaque do pormenor para abarcar a generalidade. Logo, a ironia é sinónimo de consciência, porque aproxima o conhecimento e a verdade. Neste caso, a consciência linguística da informação etimológica subjacente à formação e ao significado das palavras.

a) conhecimento e consciência

138 A palavra *conhecimento*, construída na língua portuguesa de *conhecer* (do lat. *cognoscere* 'aprender a conhecer, procurar saber, tomar conhecimento de, reconhecer') com o sufixo *-mento*, significando ato ou efeito de conhecer (realizado por meio da razão e/ou da experiência), diferencia-se da palavra (já constituída no latim) *consciência* (de *conscientia -ae* 'conhecimento de alguma coisa comum a muitas pessoas, conhecimento, consciência, senso íntimo', do verbo *conscire* 'ter conhecimento de'). Observando com atenção, esta palavra é formada de *con-* (preposição do lat. *cum* 'com') e (*s*)*cien(c/t)-*, elemento de composição com o significado de 'conhecimento', também presente em *sciens -entis* ('ciente, que sabe'), ou seja, *consciência* significa 'com conhecimento'. Hoje, esta palavra apresenta um grande número de aceções semânticas: "sentimento ou conhecimento que permite ao ser humano vivenciar, experimentar ou compreender aspetos ou a totalidade do seu mundo interior; sentido ou perceção que o ser humano tem do que é moralmente certo ou errado; sistema de valores morais; conjunto de ideias, atitudes, crenças de um grupo de indivíduos, relativamente ao que têm em comum ou ao mundo que os cerca; conhecimento, convicção, discernimento, compreensão; o ser humano, tomado como ser pensante ou espiritual; alma, espírito, mente." (*Dicionário Houaiss*). Ironicamente, esta palavra foi quase completamente banida da ciência ocidental há alguns séculos, tendo sido mais tarde confundida com a mente. Apenas muito recentemente, nomeadamente no caso da psicologia da consciência ou psicologia transpessoal, ela voltou a adquirir o seu significado primordial, distinguindo-se assim o conhecimento (da mente) da consciência, verdadeiro conhecimento interior (pressuposto na palavra *e-ducare*).

b) psicologia e normose

No caso da palavra *psicologia* (*psico*, do gr. *psy-* ‘alma, psique’, e *-logia* ‘estudo, conhecimento’), inicialmente conhecimento da alma, o seu significado primordial também se perdeu ou a(du)lterou. Hoje, na generalidade, é a ciência que trata dos estados e processos mentais e consequentemente do estudo do comportamento humano, devendo, por isso, chamar-se “mentologia”. Mais recentemente, surgiu a psicologia trans-pessoal, com o elemento inicial do latim *trans-* (‘para além de’, neste caso para além do pessoal), como em transcendência (que transcende ou ascende), recuperando, como já referimos, o significado etimológico da palavra psicologia. É neste contexto transpessoal que surge a palavra *normose* (de *norma -ae*, do latim ‘regra modelo, tirado a esquadria’, e *-ose*, elemento de formação do gr. ‘choque, golpe’, que exprime a noção de doença ou patologia), significando patologia daquele que “vive conforme a norma, a regra, regular; comportamento aceitável.” Nesta palavra, encontramos simultaneamente a ironia verbal da (in) consciência (linguística) da nossa normose, porque todos nós vivemos de forma normal ou convencional, agindo mecanicamente, com a mente mecânica. Assim, também no que respeita ao significado das palavras estabelecido atualmente, estas não devem ser lidas e interpretadas a regra e esquadro, porque existe muita consciência original na formação etimológica das mesmas. No entanto, na maior parte das vezes, usamos as palavras de forma inconsciente, sem termos consciência da sua essência.

139

c) essência, existência e inocência

Segundo Houaiss, a palavra *essência* (do lat. *essentia -ae* ‘cerne, elemento nuclear da natureza das coisas’, do verbo latino *esse* ‘ser, existir’), “aquilo que é mais básico, mais central, a mais importante característica de um ser ou de algo, que lhe confere uma identidade; por extensão a existência”, como podemos ver, estabelece uma relação semântica com a palavra *existência* (do lat. tardio *ex(s)istentia -ae*, com o elemento de composição *exist-*, do verbo *ex(s)istere* ‘elevar-se para fora de; aparecer; nascer de; existir, ser’), “estado de quem ou do que subsiste, sobrevive, o facto de viver; o viver, o estar vivo; a vida; maneira de existir, etc.”, parafraseável por ‘ter presença viva, viver, ser’. Por sua vez, encontramos uma relação associativa desta palavra com a palavra *êxtase* (do gr. *ékstasis* ‘deslocamento, movimento para fora, arrebatamento, encantamento, enlevação’), “estado de quem se encontra como que transportado para fora de si e do mundo sensível, por efeito de exaltação mística ou de sentimento muito intenso de alegria, prazer, admiração, temor reverente, etc.”. Ironicamente, este estado corresponde a um sentimento interior muito intenso, por isso, na verdade, poderia ser denominado “íntase” e não êxtase.

Se observarmos a palavra *inocência* (do lat. *in-noc-entia* ‘brandura, mansidão’, com o elemento de composição do verbo latino *nocere* ‘ser nocivo, fazer mal’, donde *innocens -entis* ‘inofensivo’), “estado daquilo que é inocente”, em que, através da sua estrutura morfológica, podemos encontrar os traços semânticos: negação do que é nocivo e dentro da ou na essência. Aqui também encontramos o sufixo formador de nomes deverbais *-ência*, que, segundo Cunha e Cintra (1999), é semierudito, ou seja, aparece em palavras já formadas no latim e de criação recente modeladas sobre o latim. Como podemos confirmar pelas informações etimológicas dos dicionários, a maioria dos nomes em *-(ê)ncia* corresponde a latinismos ou a pseudolatinismos do latim vulgar, tardio ou medieval e não a palavras construídas em português. Como é o caso também da palavra *permanência* (do lat. med. *permanentia -ae*, de *permanens -entis*, part. pres. de *permanere*, com o elemento de composição do verbo latino *manere* ‘ficar, morar’). Até que ponto não temos aqui a junção dos traços semânticos ‘ficar’ e ‘no ser, na essência’? Como podemos ver, a consciência linguística da formação das palavras no latim revela-nos o seu verdadeiro significado etimológico e a ironia verbal da verdade presente nelas.

d) adulto, a(du)lteração e exaltação

140 Se observarmos as palavras *adulto* (do lat. *adultus* ‘crescido’), *adulterar* (do lat. *adulterare* ‘modificar, alterar, deturpar, falsificar, corromper’), *adulteração* (do lat. *adulteratio -onis* ‘alteração’, com o sufixo *-ção* que surge em nomes deverbais, quase todos formados já no próprio latim), *adultério* (do lat. *adulterium, id.*), *adúltero* (do lat. *adulterum, id.*), como podemos ver, o radical *adult-* parece ser comum, embora os dicionários não estabeleçam qualquer relação lexical ou semântica entre estas palavras. No entanto, no *Dicionário Houaiss*, todas estas palavras têm em comum o elemento de composição *alt-*, de *altus, a, um* ‘alto, elevado, nutrido’, tal como o verbo *adolescere* ‘crescer, fazer-se grande’. Então, *adulto* para além do traço semântico *crescido*, parece ter de forma subjacente o traço semântico ‘falsificar ou corromper’, o que significa perda da inocência (de criança), embora este traço semântico original tenha sido perdido. Daí a nossa inconsciência linguística sobre o verdadeiro significado destas palavras e a sua ironia verbal.

Na palavra *exaltação* (do latim *exaltatio -onis*, de *exaltatum*, do verbo *exaltare* ‘eivar, levantar, alçar, exaltar, altear’), “acto ou efeito de exaltar(-se); estado de sobre-excitação, de arrebatamento (amoroso ou intelectual); acto de exaltar; estado de pessoa irritada, irada, encolarizada”, de *exaltar* (“pôr em ponto elevado, erguer, levantar; tornar grandioso ou elevado, louvar, celebrar; tornar(-se)

engrandecido, sublimar(-se); dar ou atingir o grau mais alto de energia, actividade ou intensidade; causar entusiasmo ou delírio; tornar(-se) irritado, exasperado; encher-se de vaidade”), podemos ver claramente a evolução irónica do significado desta palavra que hoje tem um valor semântico distinto e mesmo oposto. Quanto à palavra *exaltamento* (exaltar a mente), o mesmo que *exaltação*, o *Dicionário Houaiss* apresenta uma etimologia recente (de *exaltar* + *-mento*), o que indica a formação desta palavra na língua portuguesa, ao contrário de *exaltação*, já existente em latim. O *Dicionário Houaiss*, nestas duas palavras, também nos remete para a raiz *alt-*, elemento de composição do verbo latino *alo, is, alitum ou altum, alere* ‘fazer aumentar, crescer, desenvolver, nutrir, alimentar’. Assim, encontramos a forma *alt-*, de *altus, a, um* ‘alto, elevado, nutrido’, em *ex-alt-ar*. Curiosa e ironicamente, é a mesma forma que encontramos em *adulto, adulterar* e *adultério*, de *alter-* ‘(um) outro, outrem, diferente; oposto, contrário’ (da raiz **al-* ‘outro’), donde o verbo *alterare* (‘alterar, falsificar’) e *adulterare* (‘alterar, corromper’).

e) íntimo, timo e interior

Segundo Houaiss, a palavra *íntimo* (do lat. *intimus, a, um* ‘o mais afastado, o mais recôndito; o âmago, o mais secreto, o mais profundo, o mais interior’, superlativo de **interus* ‘de dentro, do interior’), com o significado de “relativo a ou que constitui a essência; que tem origem ou que existe no âmago de uma pessoa; que diz respeito ao que se passa nos recônditos da mente, do espírito, etc.”, apresenta o elemento de composição *intim-*, este de *in-* ‘em, a, sobre; sobreposição, aproximação, introdução, transformação’, da raiz indo-europeia **en* ‘em, no interior de’. Cunha e Cintra (1999) registam o prefixo de origem latina *in-* (*im*), *i-*, *ir-*, *em-* (*en-*) com o sentido de ‘movimento para dentro’ (distinguindo-se do prefixo *in-* de negação ou privação) e opondo-se ao prefixo *ex-* *es-* e *e-* ‘movimento para fora’. Ora, tendo em conta que, na palavra *íntimo*, temos o elemento de formação *in-*, com o valor semântico de ‘movimento para dentro’, até que ponto é que a estrutura interna ou a formação da palavra *íntimo* não é *in-* + *timo* (‘dentro do ou no timo’)? O *Dicionário Houaiss* não estabelece nenhuma relação entre estas palavras, mas se observarmos a relação semântica existente entre elas podemos levantar esta questão.

A palavra *timo*, em grego, apresenta quatro formas etimológicas diferentes, embora possam estar interrelacionadas, como é o caso de *timo* (do gr. *thumós*, pelo latim *thymus* ‘alma, espírito, coração, ânimo, vida, emoção, afetividade’), que ocorre nos cultismos *timia, timocêntrico, timopsíquico, timotático*; e *thúmos* (através do

latim *thymus* ‘glândula, excrescência carnuda’), glândula situada no tórax, em frente à traqueia, que começa a decrescer a partir da puberdade e que hoje sabemos ser a sede ou centro do sistema imunitário, logo da vida humana. A proximidade da glândula timo com o coração levou à afirmação de que o timo era a sede da alma, logo o mais profundo e interior do ser humano. Sendo assim, o íntimo ou estar no (in) timo seria também estar no centro da vida ou da vitalidade do ser humano.

Também encontramos o elemento de formação *in-*, com o mesmo sentido de ‘movimento para dentro’, nas palavras *interior* (do lat. *interior -ius*, mais interior, comparativo do adjetivo **interus* ‘de dentro, do interior’), “íntimo, recôndito”, por oposição a *exterior*, e *intrínseco* (do lat. tardio *intrinsecus*, ‘que está no interior de, que faz parte de’), por oposição a *extrínseco*. Podemos constatar como estas palavras nos remetem para dentro de nós, para essa profundidade que desconhecemos. No *Dicionário de Latim Português*, o elemento de formação *in* ocorre como preposição com o significado de circunstância de lugar, ‘em, dentro de; para, para dentro de’, a par de *in* como prefixo de negação. Trata-se de um caso interessante de possível ironia linguística, porque apresenta o valor semântico de interioridade mas também de negação. Até que ponto o prefixo de negação *in-*, por exemplo em *infeliz*, também não tem o valor semântico de ‘dentro’? E a palavra **142** *inconsciência* não terá também o valor semântico de ‘dentro da ou na consciência’? Pois, só tendo consciência da nossa inconsciência é que nos tornamos conscientes. A verdade não poderá estar no contraditório?

f) infinito e ínfimo

Na palavra *infinito* (do lat. *infinitus, a, um* ‘que não tem limites, imenso, infinito, eterno’), “que não tem limite, infindo”, por oposição a *finito* (do lat. *finitus, a, um*, part. pas. do verbo *finire* ‘limitar, demarcar, determinar’), “que ou o que tem um fim, um limite”, se observarmos bem: até que ponto o prefixo de negação *in-* não contém também o traço semântico de interioridade? Será que não podemos ver a palavra também nesta perspectiva? Se pensarmos no latim, a preposição *in* (em português *em*) seria ‘no finito’. À luz da realidade fractal da ciência contemporânea, no finito está o infinito. Então, a consciência ou conhecimento linguístico da palavra *infinito* revela-nos a ironia verbal presente na palavra, a verdade que o infinito está no finito. O infinito não é um ponto externo a alcançar, está dentro do finito, ou seja, o infinito está no fim. Esta será a dimensão mais profunda da palavra? Ironicamente, como já questionámos anteriormente, é no contraditório que está a verdade? Mais uma vez, a questão é: até que ponto é que, ironicamente,

o traço semântico ‘dentro’ também não está presente no prefixo de negação *in-*, guardando um sentido mais profundo? Da mesma forma, na palavra *ínfimo* (do lat. *infimus*, *a*, *um* ‘o mais baixo, o mais fundo; por extensão o derradeiro, o último’), “que ou o que é o mais baixo de todos, que ocupa o lugar mais baixo numa hierarquia; por extensão que ou o que é muito pequeno nas suas dimensões” (*Dicionário Houaiss*), temos o elemento inicial *in-*, que não é prefixo de negação, mas esta unidade lexical remete-nos também para a palavra *infinito*, uma vez que, como já referimos, sabemos que o infinito está no ínfimo, assim como o ínfimo está no infinito (realidade fractal).

g) mundo e imundo

Observando a palavra *mundo* (do lat. *mundus* ‘firmamento, mundo, universo, a criação, a terra’), “a totalidade dos astros e planetas; o firmamento, universo; o planeta terra; por extensão, a totalidade do que existe na terra”, e a palavra *imundo* (do lat. *immundus* ‘sujo, impuro’), parecem ter a mesma origem ou base lexical. No entanto, *imundo* não é a negação de *mundo*, significando ‘sujo’. Embora, como já referimos, *im-mundu* possa ser originalmente ‘dentro do ou no mundo’. Daí ironicamente o traço semântico de ‘sujidade’. Poderá haver uma correlação semântica com a negação de mundo (sem mundo)? A palavra *imundo* existiria com o significado ‘sem mundo’, passando depois a adquirir os novos significados de ‘sujo’ e ‘vagabundo’? Curiosamente ou ironicamente, o *Dicionário Houaiss*, para além da primeira aceção de *imundo* como muito sujo, apresenta uma segunda aceção, localizada em Trás-os-Montes, em que *imundo* significa ‘fora do mundo, alheado’, indicando como etimologia recente *im-* + *mundo*, a par de *imundar* (de *imundo* + *-ar*). Parece-nos que esta aceção existe em todo o território nacional, se pensarmos na etimologia popular que “corrigiu” a palavra *vagabundo* para *vagamundo*, porque este vaga pelo mundo. Daí a contaminação ou cruzamento destas duas palavras, tratando-se assim de um fenómeno de atração paronímica, que une uma palavra a outra por semelhança fonética e alguma associação semântica sem qualquer base no parentesco genético.

Se observarmos outras palavras formadas a partir da base lexical *imundo*, temos *imundice* com o significado de sujidade, por oposição a *mundícia* (limpeza, asseio, do lat. *munditia*), e *mundície* (o mesmo que mundícia). Também encontramos as seguintes palavras derivadas de mundo: *mundificar* (limpar, assear, com o sentido figurado de expurgar e reflexo purificar-se, do latim *mundificare*, *id.*); *mundificação* (de *mundificar* + *-ção* “acto ou efeito de mundificar

ou mundificar-se, mundícia”); *mundificador* (de *mundificar* + *-dor* “que ou aquele que mundifica, purificador”); *mundificante* (do lat. *mundificante*, particípio presente de *mundificare* ‘limpar’, “que mundifica ou limpa”); *mundificativo* (de *mundificar* + *-tivo*, o mesmo que mundificante). A ironia das palavras *mundo* e *imundo* está bem patente nas frases: “O mundo está imundo”, “Sem mundo não há imundice” e “Nós imundámos o mundo”. Pois, sem (a palavra) *mundo* não há *imundice*, dado que esta resulta da ação humana no mundo, de estarmos nele. Como é que não nos apercebemos deste significado/ironia presente na palavra *imundo*? A par de *imundo* e *vagabundo*, podemos referir ainda, ironicamente, a palavra *errabundo* (do lat. *errabundu* ‘que anda sem destino’, o mesmo que *errante*), do verbo *errar* (do lat. *erro, as, avi, atum, are* ‘vagar, andar sem destino, apartar-se do caminho, perder-se’), donde o significado atual de *errar* “cometer uma falta, enganar-se”. Mais uma vez, só existe ironia verbal porque ou quando existe consciência linguística.

h) personalidade e individualidade

144 A palavra *personalidade*, “qualidade ou condição de ser uma pessoa; identidade pessoal” (do lat. tardio *personalitas -atis* ‘personalidade, derivado de *personalis* ‘inerente à pessoa, pessoal’), provém de *pessoa* (do lat. *persona -ae* ‘máscara de teatro; por extensão, papel atribuído a essa máscara, carácter, personagem’), donde na psicologia, na teoria de C. G. Jung, “personalidade que o indivíduo apresenta aos outros como real, mas que, na verdade, é uma variante às vezes muito diferente da verdadeira; imagem com que uma pessoa se apresenta em público, papel representado por um actor, pessoa, indivíduo” (*Dicionário Houaiss*). Ironicamente, confundiu-se *personalidade* com *individualidade* (de *indivíduo*, do lat. *individuus* ‘indivisível, não dividível ou indiviso; uno, que não foi separado; ser único distinguível dos outros’). Se olharmos com atenção para estas palavras e tomarmos consciência da sua formação e significação primitivas, concluímos que a palavra *individualidade* tem um significado completamente distinto de *personalidade*. A palavra *in-divi-dual* contém o elemento *dual* (do lat. *dualis -e* ‘de dois’), “que ou o que se liga a outro elemento em relação de correspondência e reciprocidade; dois por oposição a um” (*Dicionário Houaiss*). Quantos seres humanos têm consciência linguística do verdadeiro significado desta palavra? Quantos de nós conseguimos ver nesta palavra a ironia verbal da própria existência humana de cada indivíduo que é ao mesmo tempo una e dual?

i) humilde, humildade e húmido

A palavra *humilde* (provavelmente forma regressiva de *humildar*, o mesmo que *humilhar*, do latim *humiliare* ‘abaixar, abater’) e *humildade* (do lat. *humilitas -atis* ‘pouca elevação, pequena estatura’), “qualidade de humilde; virtude caracterizada pela consciência das próprias limitações, modéstia, simplicidade” (daí também “sentimento de fraqueza, de inferioridade, submissão, pobreza, penúria; em sentido figurado, condição baixa, abatimento, sentimentos humildes, modéstia”), assim como a palavra *húmido* (do latim *humidus*, do verbo latino *humere* ‘estar húmido’, também presente em *humidade*), têm a mesma raiz ou base lexical *hum-* (elemento de composição do lat. *húmus*, terra), que ocorre em vocábulos quer originalmente latinos como *húmile* (do lat. *humilis* ‘que permanece na terra, não se eleva da terra, humilde, baixo’), *humildade*, *humilhação*, *humilhar* e *húmus*; quer em outros formados vernaculamente como *humildação*, *humildamento*, *humildança*, *humilde*, *humildoso*. O *Dicionário Houaiss* apresenta separadamente um outro elemento de composição do latim *hum-* para húmido, não estabelecendo uma relação com *húmus*, terra (que parece evidente), embora registre o termo da química *húmico* (com o significado de “ácido resultante de decomposição de matéria orgânica como fertilizante”) e refira também a cognação entre *húmus* e *homo -nis* ‘homem’ (como “habitante da terra”).

145

j) coração e concórdia

Na palavra *coração*, cuja etimologia é de origem controversa, provavelmente do latim vulgar **coratione* (de *cor cordis* ‘coração’), o significado primordial é “coração como centro da alma, da inteligência e da sensibilidade”. No *Dicionário de Latim Português*, a palavra *cor cordis* apresenta as aceções seguintes: “coração (órgão); coração como sede da coragem, da sensibilidade e da inteligência; alma”. A forma tem recebido diversas explicações, como a que a terminação talvez se associe a um sufixo aumentativo de reforço. No entanto, observando a palavra com atenção, podemos questionar-nos sobre a formação desta palavra de *cor + atione*, ou seja, se coração resulta de uma forma composta, no latim vulgar, com a forma *atione*, de *actionis* ‘ação’, na medida em que parece ter sido esta palavra que originou o sufixo *-ção*. Embora as formas antigas desta palavra *coraçõ* e *coraçom* não pareçam corroborar esta hipótese, ela poderia ser considerada, tendo em conta as ações associadas ao coração.

Existem muitos vocábulos formados com o elemento do latim *cor(d)*: *cor-agem*, *cor-ajoso*, *cor-dial*, *cor-dialidade*, *cor-dura*. E outros em que *cor-* é precedido por vários elementos de formação: *con-cordar* (do lat. *concordare* ‘estar de acordo, concordar’, de *concors -cordis*, de *cum + cordis* ‘unido pelo coração, viver em

harmonia'), *con-corde* (harmonioso), *con-córdia* (do lat. *concordia -ae* 'concordia, acordo, harmonia, inteligência', "estado de harmonia"), *con-cordância* (do lat. *concordantia, ae* 'acordo'); *dis-cordar* (do lat. *discordare* 'estar em desarmonia'), *dis-corde*, *dis-córdia*, *dis-cordância*; *a-cordar* (do lat. vulgar **accordare* 'concordar e afinar instrumento musical'), *a-cordança* (*acordar* + *-ança* «acordo, harmonia de vozes, melodia»), *a-cordante* (conforme o coração), *a-corde* (união de sons); *de-corar* e *de-coração* (de coração); *re-cordar* (do lat. *recordare* "recordar, trazer à memória, recordar"), com os derivados *re-cordação* (voltar ao coração ou memória), *recordista*, etc. Como podemos verificar, no caso destas palavras, conservou-se o traço semântico de *cor-* 'coração', por extensão semântica harmonia (ou desarmonia). O *Dicionário Houaiss* refere ainda a forma verbal *escordar* (de um hipotético **excordare* 'tirar de dentro do coração, lembrar(-se)', de emprego raro e sem derivados). No entanto, muito poucos de nós temos consciência linguística da formação e do significado etimológico destas palavras.

146 As expressões "saber de cor" e "dizer de cor", onde encontramos a palavra do português antigo *cor* ('coração, memória'), de alguma forma contrastam com "falar de cor", pois esta última expressão apresenta alguma ironia verbal, dado que, hoje em dia, significa exatamente o oposto, ou seja, dizer ou falar de forma leviana, sem sentir ou sem ter conhecimento. Quando deveria ser o contrário, falar ou dizer com o coração, com profundidade, com a verdade. Podemos constatar claramente que houve uma a(du)lteração e mesmo inversão do significado original da palavra *cor-* na referida expressão linguística, embora no caso das expressões anteriores também se possa "saber e dizer de cor", já sem o coração.

m) mente e demente

A palavra *mente* (do lat. *mens mentis* 'faculdade intelectual, inteligência, espírito, alma, razão, sabedoria, juízo, discernimento, carácter') é formada pelo elemento de composição de uma raiz indo-europeia **men(t)-* 'pensar' que designa, por oposição a *corpus* 'corpo', o princípio pensante, donde o latim tardio *mentalis -e* 'mental'. Ironicamente, a palavra *mente* deu origem ao verbo *mentir* (de *mentior, mentiri* 'faltar à verdade', donde o latim tardio *mentio -onis* 'mentira'), o que parece indicar que a mente mente, como o próprio nome indica, mas infelizmente não temos consciência linguística desta ironia verbal. A palavra *mente* está presente em *demência* (do lat. *dementia -ae* 'loucura') e *demente* (do lat. *demens -entis* 'louco'). Esta palavra é formada por *de-+mente*, significando «louco, perda da ou na mente» (ou negação da mente?), o que também revela certa ironia verbal porque a própria

mente conduz à demência, ou seja, uma mente demente. A palavra *mentalidade* também é formada por *mente*, assim como *veemência* (*vehementia -ae*, com *ve-* de *vehere* ‘puxar, tirar, levar’ + *-mentia*, força da mente), donde *veemente* “ardente, impetuoso, violento”. Podemos referir também as palavras: *comentar*, *comentário* e *comentador*, em que *comentar* é formado por *com* + *mente* + *-ar* (“ter na mente, pensar, escrever sobre um assunto”). Encontramos ainda a palavra *mente* em *mentor* (*ment* + *-or*), *menção* (de *mentio -onis*, apelo ao pensamento) e *mencionar*. Ironicamente, não há consciência linguística desta realidade que é o domínio da mente, bem patente na formação de muitas palavras.

Assim, podemos questionar-nos sobre o elemento de formação dos advérbios de modo em *-mente* (do lat. *mens mentis*, usado no latim vulgar no ablativo, quase sempre com um adjetivo, donde locuções modais do tipo *fortemente* ‘de alma decidida’, ou seja, de mente forte), mas também *claramente* (mente clara), *infelizmente* (mente infeliz), *amorosamente* (mente amorosa), *profundamente* (mente profunda), *verdadeiramente* (mente verdadeira). O *Dicionário Houaiss* refere que, no português arcaico, ocorrem ainda formas graficamente separadas com os dois elementos, mas a partir do século XVI, a sua junção torna-se progressivamente regular. Trata-se de uma questão de consciência linguística do significado irónico presente nas palavras terminadas em *-mente*. Do mesmo modo, podemos questionar o significado do elemento de construção de nominalizações deverbais em *-mento* (segundo o *Dicionário Houaiss*, do lat. vulgar *-mentu*, provavelmente de *mentis*), nomeadamente em *discerni-mento* (discerne a mente), *conheci-mento* (conhece a mente), *medica-mento* (medica a mente), *planea-mento* (planeia a mente), *desenvolvi-mento* (desenvolve a mente), *condiciona-mento* (condiciona a mente), *confina-mento* (confina a mente), concorrendo com outros sufixos na formação de nomes deverbais. Ao levantarmos esta questão sobre *-mento*, estamos a procurar reconhecer um sentido mais profundo subjacente a estas palavras, ou seja, a constatação de que todas as ações humanas e todos os processos cognitivos são realizados com a mente e ironicamente limitados por ela.

n) consumir e consumição

Segundo Houaiss, a palavra *consumir* (*com* + *sum*, elemento de composição do verbo latino *sumo*, *is*, *sumpsi*, *sumptum*, *sumere* ‘tomar, agarrar, apoderar-se, apropriar-se, roubar, comprar, seduzir, despender, gastar’) significa “destruir(-se); mortificar(-se) ou ficar morto com a dor e, em sentido pejorativo, comprar em demasia e frequentemente sem necessidade”. Daí o vocábulo *consumação* (do lat.

con-sum-ationis ‘ação de adicionar, soma, reunião; por extensão, gasto, perda, aniquilamento’), “acto de levar algo a seu termo; conclusão pela destruição, pelo aniquilamento”, e a palavra *consumição* (construída no português de *consumir* + *-ção*), “acto ou efeito de consumir(-se); destruição total; acto ou efeito de gastar até ao fim, pelo uso; acto ou efeito de acabar-se de dor, raiva ou desgosto, etc”. Encontramos ainda as palavras *consumpção* (do lat. *consumptionis* ‘destruição, definhamento, ação de despender’), “acto ou efeito de consumir(-se); acto ou efeito de gastar até à destruição, o mesmo que *consumição*”, e *consumptivo* (*consumpto* + *-ivo*), “que consome; debilitante”. O irónico destas palavras é usarmos o termo *consumo* sem termos consciência da sua associação ao traço semântico subjacente que é ‘destruição’, ou seja, o consumo que nos consome a nós próprios e ao planeta.

Estas são apenas algumas palavras de entre tantas outras que poderíamos ter referenciado como exemplos de (in)consciência linguística. Seria muito interessante fazer um estudo morfológico sobre a produtividade lexical dos elementos de formação de palavras, sobretudo através da multiplicidade de sufixos associados a uma mesma base, nomeadamente na construção dos nomes deverbais, no português europeu e no português do Brasil. Até que ponto, no Brasil, encontramos maior diversidade de nominalizações deverbais e deadjetivais (por exemplo *envolvimento* e *envolvência*, *profundeza* e *profundidade*)? Até que ponto alguns desses nomes apresentam especializações semânticas (como *exaltação* e *exaltamento*)? Seria também interessante alargar este estudo a outros sufixos intervenientes na formação de palavras como *segur-eza* (forma que ainda hoje encontramos na fala do português popular e no português do Brasil, onde se conservam muitas formas do português antigo), a par da forma mais recente *segur-ança*. E até que ponto encontramos ironia verbal na formação e no significado destas palavras?

O significado primitivo das palavras continua a estar presente no corpo delas, como por exemplo no caso das palavras *sémen* e *semente*, em que a base lexical parece ser a mesma, remetendo para a relação semântica existente entre elas. No caso da palavra *dimensão*, se observarmos com atenção, descobrimos que esta palavra provém do elemento de composição do latim *mens-*, de medir, também presente em *imenso* (“impossível de medir ou contar, desmedido, ilimitado”). Por isso, as palavras *dimensão* e *imensidão* estão relacionadas, o que poderia originar (a par de *dimensionalidade*) a palavra “*imensidão*”. É a nossa mente mecanicista, que funciona pelo hábito do dito e escrito, que deixa de ver o sentido original incorporado nas palavras. Só tomando consciência da (nossa) inconsciência é que a consciência se revela. Da mesma forma, a ironia verbal só se revela com a consciência linguística.

A consciência linguística desempenha um papel importante na reflexão sobre o funcionamento da língua e no desenvolvimento do conhecimento explícito das palavras. Assim, o conhecimento etimológico do verdadeiro significado das palavras favorece o maior domínio do léxico e conseqüentemente da língua. No caso deste artigo sobre a consciência linguística da etimologia e da ironia presente no significado das palavras, pretendemos contribuir para a consciencialização e sistematização do conhecimento lexical, semântico e morfológico dos vocábulos estudados, levantando algumas questões sobre os elementos constituintes das unidades lexicais e os seus significados. Deste modo, a consciência linguística, neste caso etimológica da formação e significado das palavras, permite transformar aspetos do nosso conhecimento intuitivo ou implícito num conhecimento reflexivo e explícito, revelando a ironia verbal.

Assim, concluímos que podemos chegar à consciência para perceber a linguística ou então estudar a linguística para chegar à consciência. Falta consciência da verdade linguística e conseqüentemente da ironia atual presente nas palavras. O conhecimento etimológico permite-nos resgatar o verdadeiro significado das palavras, revelando a sua verdade primordial ou original. Daí a ironia verbal, porque esta resulta da consciência da verdade linguística que, em muitos casos, foi a(du)lterada. Este artigo tenta enquadrar uma visão linguística transdisciplinar da verdade constituinte de cada palavra, que pode ser linguisticamente aceite ou não. Deste ponto de vista da ironia verbal, a conclusão é: falta consciência da verdade linguística ou a verdade da consciência linguística.

149

Bibliografia

- Azuaga, Luísa, 1996, "Morfologia", *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, pp. 215-244.
- Baars, B., 1988, *A cognitive theory of consciousness*, New York, Cambridge University Press.
- Corominas, J. e Pascual, J. A. 1989, *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, 12 vols, Madrid, Editorial Gredos.
- Correia, Margarita, 2004, *Denominação e construção de palavras*, Lisboa, Edições Colibri.
- Cunha, A. Geraldo da, 1992, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- Cunha, Celso e Cintra, Lindley, 1999, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa (15ª ed.).
- Dicionário de Latim Português*, 1998, Porto, Porto Editora.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2003, 3 vols, Lisboa, Temas e Debates.
- Duarte, I., 2000, "O conhecimento das palavras", *Língua Portuguesa. Instrumentos de análise*, Lisboa, Universidade Aberta, pp. 63-115.
- Duarte, I., 2008, *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística*, Lisboa, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Foucault, Michel, 2002, *As Palavras e as coisas*, Lisboa, Edições 70.